



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A 2.
Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhata-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A BAIXA DE PREÇOS

Quom se der ao trabalho de aumentar o número de nichos, em cada dia acresce a percentagem dos que se refastelam. O facto é que cada vez se trabalha menos. Que resulta de uma situação assim? Resulta que o país, já empobrecido, perde pouco a pouco as últimas probabilidades de regeneração. Em lugar de prosperar, o país afunda-se. E' o contrário do que sucede em nações mais acertadamente administradas. Nestas, acentua-se a tendência em regressar ao que já foi. Durante a guerra os preços de todas as coisas subiram em toda a parte. Mas, reorganizado já o mecanismo da produção, a subida atenua-se, a vida normaliza-se. E' que se pensou nessas nações em trabalhar, e trabalhou-se. O trabalho foi e será sempre uma inexgotável fonte de riqueza. Por meio dele se consegue o que do outro modo se não poderia conseguir.

Portanto, dado que em Portugal se pensa em tudo menos em trabalhar, não podemos ter outra esperança senão a de ver amanhã mais agravadas ainda as condições da nossa vida miserável.

Vem isto a propósito da baixa do custo da vida, em que alguns confiantemente falam. Se tal fenómeno se produzisse entre nós assumiria as proporções dum verdadeiro milagre. Mas, infelizmente para nós, não se produz. Não há efeito sem causa. E o barateamento da vida só poderia ser o resultado duma orientação governativa que ainda não vimos adoptada em Portugal.

Um ou outro género poderá provisoriamente baixar. Pequenas, desprezíveis incidências do acambramento e da especulação comercial que a penúria do país favorece ou promove. Mas, enquanto um género baixa, todos os outros sobem. Vista a questão dum modo geral observa-se a subida continua, diária de todas as coisas. Onde vão parar assim? Eis uma pergunta a que só o tempo pode dar resposta segura. Mas o certo, o garantido, o inevitável é que esta progressão se não pode prolongar indefinidamente. Vamos a galope e por um caminho todo ele cheio de mistério e de imprevisível. Vamos a galope: e assim mais depressa atingiremos um qualquer ponto decisivo, onde só perderão, evidentemente, aqueles que teem que perder.

Em Espanha

O ministro do interior apoia a atitude sclerada do governador de Barcelona

MADRID, 13.—No congresso continuou ontem o debate acerca da questão de Barcelona, intervindo na discussão Cambó, Prieto, Alba, Romanones, Melquíades Alvarez, Villanueva, afirmando o ministro do interior que manterá a ordem e defendendo a atitude do governador civil.—*Rádio.*

O conselho de ministro vai adquirir linhas férreas e locomotivas

MADRID, 13.—O Conselho de ministros resolveu adquirir linhas férreas e 118 locomotivas que serão construídas na Alemanha e que virão melhorar muito os serviços ferroviários. Em breve adquirir-se há material de via reduzida o que trará vantagens estratégicas e económicas.—*Rádio.*

Perseguições na Chamusca

Somos informados que o administrador do concelho da Chamusca pretende, como autores do incendio na igreja da freguesia do Pinheiro Grande, dois indivíduos a quem classifica de agitadores.

Não sabemos ainda quem sejam os detidos; porém tudo leva a supor que se trate de trabalhadores que fundaram a Associação da classe rural, organismo que os proprietários muito temem, sem para isso haver razão.

Segundo o nosso informador, parece que aqueles operários vem para Lisboa, entregues à policia de segurança do Estado.

E' mais uma vingança dos proprietários, que não se cansam de inventar pretextos como o fim de perseguir aqueles que desejam defender os seus direitos.

Na Turquia

Kemal suspende temporariamente as operações

CONSTANTINOPOL, 12.—Comunicam de Angora que Mustafa Kemal ordenou a suspensão das operações em todas as frentes enquanto dura a Conferência de Londres.—*Rádio.*

UMA REVOLUÇÃO NA SCIENCIA O motor-contínuo

Um homem incompreendido.—As grandes revelações do sr. Esteves Barbosa :-

O dia de ontem, um domingo insípido de Lisboa, não ofereceu, até às 18 horas, ao jornalista um pormenor interessante. A queda do governo é já um caso habitual que não se discute, a questão das subsistências continua caótica, como de costume, as revoluções são cousa experimentada que não se deseja nem se aborrece. Só pelas 18 horas Lisboa começou a interessar: o sr. Francisco Esteves Barbosa, um velhote meio espanhol meio português na linguagem, mas muito patriota de coração, terrivelmente patriota, iniciava a essa hora, na sala Portugal da Câmara Municipal, a conferência sobre o seu invento—o motor-contínuo—que, infelizmente, parece não ter sido compreendido pelos portugueses, a quem o autor o destina patrioticamente, mediante não sei quantas mil libras. Escusado será mencionar que esse homem genial está animado do maior desinteresse, desinteresse patriótico, é claro. Os milhares de libras não os quer; dá tanto a sua filha, tanto para o desenvolvimento do motor e tanto para os inválidos, cegos e orfãosinhos.

Pená foi que tam poucos curiosos se dispuzessem a ouvir da boca daquele genial ancão, as verdades sublimes que na sala larga ecoaram, fazendo quasi estremecer os seios flácidos da prostituta e vibrar notas tristonhas na guitarra do fadista português—figuras admiráveis do célebre quadro de Malhoa.—*O Fado*, que por ser símbolo da civilização lusitana e da alma nacional, uma lustre venação ali mandou colocar, para honra e orgulho nossos.

A lei de Lavoisier? Lérias...—A origem das trovoadas, ciclones e trombas de água

O sr. Francisco Esteves Barbosa encavalitou as arcaicas lunetas no nariz adunco, dirigiu para uma ardoisa os passos debeis e depois de exclamar num tom de voz enérgico:—«O motor-contínuo, cavalheiros, é uma realidade—vá de traçar na pedra, com a mão esquerda, porque o illustre inventor é canhoto, uns desenhos quadrângulos atravessados por riscos tremelhões, a que dava o nome de serpentina. Após longas explicações e bonecos o sr. Esteves, apontando uma forma biceuda, desenhada na pedra, disse:

—Dentro desta vasilha encontra-se um *alimento* (queria dizer elemento) que não se gasta.

Eis o ponto principal da questão—o *alimento* que não se gasta. Julgamos a princípio que o sr. Esteves tinha resolvido o problema das subsistências. Mas não. Destruíra apenas com aquela simples demonstração uma verdade que todo o mundo julgava perfeitamente assente. Inutilizava apenas a lei de Lavoisier: nada se cria e nada se perde, tudo se transforma.

Dentro doutro recíproco que o inventor traçara existia ainda um *alimento* que, electrando o ar, lhe dava a potência colossal do ciclone. Esse elemento é que dava origem às trovoadas, às trombas de água e formava as nuvens que encobrem os astros.

Era assombrosa a forma como o sr. Francisco Esteves Barbosa, verdadeira glória nacional, lançava reptos aos homens de sciencia. Como elle afirmava:

—Dizem os sábios que a causa das trovoadas está no facto de duas nuvens, uma quente e outra fria, se rocam.—Mentira! A origem da trovoadá é o magnetismo.

Três qualidades de magnetismo: vegetal, animal e mineral.—Da influência da pevide no motor-contínuo.

Numa longa exposição, o maior sábio português, (que dizem?) o maior sábio do mundo, afirma a existência de três qualidades de magnetismo. Sim, leitores, há três espécies de magnetismo. Se os sábios o ignoram, que estudem o caso como o sr. Esteves o estudou. São o magnetismo vegetal, animal e mineral. O vegetal é que interessou mais ao imortal Barbosa. Já o que ele nos revelou, a nós, que bebíamos as suas palavras como se elas possuísem um perfume delicioso, como se fossem um nectar inigualável que ele, o grande sábio, o semi-deus, nos oferecesse em vasilhas estranhas desenhadas a giz!

Cousas confusas nos disse o grande homem acerca do magnetismo vegetal. Passou ao exemplo. Citou a pevide. Ah! a poderosa influência da pevide nas regiões da sciencia! Ah! se não fosse a pevide não teria Portugal a suprema ventura de possuir o motor-contínuo!

Falou-nos na pevide de abóbora e de melancia, no feijão, no trigo eno arroz.

(DIÁRIO DA TARDE)

NOTICIOSO E LITERÁRIO

DIRECTORES

PINTO QUARTIM E NORBERTO LOPES

Editado por um grupo de grevistas

A SAIR POR ESTES DIAS

INTEIRA NOVIDADE JORNALISTICA

Um assalto incompreensível

Na Associação dos Fabricantes de Armas é feita uma busca misteriosa

Ontem, pelas 15 e meia horas, a Associação de Classe dos Fabricantes de Armas e Offícios Acessórios, ao Campo de Santa Clara, foi assaltada por um grupo de indivíduos, armados de pistola, que, em tom arrogante, intimaram os presentes, seis camaradas membros dos corpos gerentes, que se encontravam em amena conversa na sala da biblioteca, a não se mexer, dando-lhes ao mesmo tempo voz de prisão.

Repostos da surpresa, aqueles camaradas, ignorando a qualidade das criaturas que tam delicadamente haviam penetrado nos aposentos da sua sede, demais numa atitude agressiva nada própria de pessoas educadas, perguntaram-lhes o que pretendiam e quem eram. Em resposta foram-lhes exigidas as suas identidades, reconhecendo-se, após uma troca de palavras, que os que entraram eram da policia de segurança do estado, achando-se pouco depois as salas repletas de componentes não só daquela policia como da civica.

Seguidamente passaram uma minuciosa busca a todo o edificio, para o que pediram a presença das camaradas que ali se encontravam, e, no final, talvez pouco seguros de si, e já mais tratáveis, solicitaram-lhes que declarassem se algum estrago haviam causado, o que se não deu.

Feita a misteriosa busca, a qual tam bem compareceu um official do exercito e soldados, pediram desculpa do acto, prometendo a policia que depois explicaria o motivo da sortida.

Quando, momentos antes do assalto, subia a escada do edificio o camarada António Pires Lavado, presidente da direcção do Sindicato, surpreendeu alguns daqueles indivíduos a escutar a uma das portas que comunicam com a biblioteca.

Logo que o apresentaram, puzeram-lhe uma pistola á cara, obrigando-o a retirar as mãos das algebras e interrogaram-no sobre a sua identidade. Disse-lhes que era operário do Arsenal, mas, como faliasse em voz um pouco elevada, intimaram-no a responder baixo, mandando-o sair, porém acompanhado por um desses indivíduos, para o Depósito Central de Fardamentos, onde se encontravam um official e soldados de Sapadores dos Caminhos de Ferro, ficando ali incomunicável, até que foi posto em liberdade tempo depois.

Próximo do edificio da Associação estacionava uma força da guarda republicana, que carregou as armas no momento em que foi dado o assalto, estando as imediações cercadas.

Ninguém sabe o que motivou o misterioso e abrupto assalto, e a policia limitou-se a dizer que era segredo.

Nunca à Associação dos Fabricantes de Armas sucedeu caso semelhante. E' a primeira vez que tal acontece, não se justificando a atitude da policia que, por certo, como sempre, quiz apresentar serviços, pretextando não se sabe o que, assaltando uma corporação que, por todos é considerada, e a qual os seus componentes tem dedicado o melhor dos seus esforços.

O misterioso assalto repugnou a todos que dele tiveram conhecimento, por se tratar de mais uma perseguição das muitas que a policia inventa.

Perseguições aos ferroviários

Foi no sábado novamente preso no Barreiro o camarada Leopoldo Calapez, ferroviário do Sul e Sueste, que ainda há poucos dias havia sido posto em liberdade, depois de alguns dias de detenção.

Veio daquela vila acompanhado por um sargento, encontrando-se incomunicável no quartel de Sapadores dos Caminhos de Ferro.

As perseguições aos ferroviários sucedem-se não sabendo nós quando terminará a sanha feroz dos ditadores do Sul e Sueste.

No mesmo quartel, ainda permanece, incomunicável, o cam arda Alfredo Pinto.

Até quando este regime de perseguições?

CONSELHO JURIDICO da C. G. T.

O dr. Sobral de Campos, advogado deste Conselho, dá hoje consultas, ás 21 horas, na sala da C. G. T.

Partido Comunista Português

Tendo as autoridades impedido de funcionar, sem motivo justificado, a assembleia magna dos membros fundadores do Partido Comunista Português, que tinha sido convocada para ontem, á tarde, na Associação dos Empregados de Escritório, a sua comissão organizadora, reunida em sessão extraordinária, para examinar o estranho caso, resolveu, por unanimidade, levar ao conhecimento do sr. governador civil o protesto que a referida assembleia, ao ser notificada, formulou, com altiva indignação, contra tam grave atentado ao seu direito.

Outrossim, convocar uma nova reunião geral para a próxima 5.ª feira, 17, ás 20 horas prefixas, no mesmo lugar e com a mesma ordem de trabalhos, esperando que, não obstante essas e outras violências, ninguém falte ao cumprimento do seu dever.

Reúne hoje novamente, pelas 20 horas, a comissão organizadora do mesmo partido, para apreciar um assunto de grande importância.

Devido a esta convocação, já se não realiza a demarche que estava combinada.

DO MUNDO NOVO...

A RÚSSIA POR DENTRO

(DA «ROSTA-WIEN»)

A morte de Levebvre, Lepetit e Vergat

MOSCÓVIA, 23, Janeiro.—A imprensa burguesa pretende sempre que Levebvre, Lepetit e Vergat, que encontraram a morte no Mar Artico, foram assassinados á ordem de Lénine. A grande imprensa capitalista publica agora um suposto relatório da Terceira Internacional que confessa o assassinato dos comunistas franceses, atribuindo-o a agentes da Entente. O governo francês, que é o promotor desta baixa campanha de calúnias, quer fazer acreditar á opinião pública que Levebvre e seus camaradas deixaram a Rússia com impressões desfavoráveis dos Soviéticos. Em resposta a estas intenções comunicam-nos de fonte segura o que segue: 1.º A Internacional Comunista não possui nenhum *bureau* de negócios estrangeiros, como pretendem os fabricantes de noticias falsas, que tivessem publicado o relatório em questão. A Internacional Comunista não é uma instituição russa e não se occupa senão de assuntos internacionais. 2.º A Internacional Comunista não publicou comunicado algum sobre a morte dos comunistas franceses. O documento de que se trata não pode ser senão um telegrama de Zinovief que annunciou a catástrofe em 20 de dezembro e exprimiu as condolências da Internacional Comunista que guardará sempre a memória dos três mártires da Revolução mundial. 3.º Ninguém disse na Rússia Sovietista que agentes da Entente são responsáveis pela morte dos três franceses. Alguns jornais franceses foram de opinião que o governo francês tem, em grande parte, responsabilidade na morte trágica de Levebvre e seus camaradas. 4.º O governo soviético russo não tem por costume livrar-se dessa maneira das pessoas que não são das suas opiniões. 5.º Se o governo soviético tivesse cometido o acto de que é acusado, ele já teria inutilizado os seus partidários, os melhores e os mais ardentes. A burguesia temia, em vão, espalhar a noticia de que Levebvre, Lepetit e Vergat deixaram a Rússia descontentes. E' um facto conhecido que Levebvre foi um admirador entusiasta da Rússia Sovietista e que elle deixou este país na intenção de o defender contra todas as calúnias. Lepetit e Vergat, mais anarquistas do que comunistas, á sua partida deixaram a Rússia resolvidos a defender a Rússia Sovietista e o Comunismo. Todos aqueles a quem falaram antes da sua partida o podem testemunhar. 6.º O governo russo nunca accusou a Entente, ou qualquer outra entidade, de ter ocasionado este acontecimento trágico, porque é bem claro que as causas naturais bastam para explicar o naufrágio duma barca ligeira num mar revolto. O povo não será de tal forma cego que dê ouvidos a estas calúnias.

A saúde de Krapótkine

MOSCÓVIA, 22, Janeiro.—Logo que Lénine soube da doença de Krapótkine, ordenou aos melhores médicos e professores da Rússia que partissem imediatamente em comboio especial para Durnitov, aldeia para onde se havia retirado o velho revolucionário. Pedro Krapótkine conta agora 78 anos. Sofre duma ligeira pulmonia. Os médicos esperam que elle se restabeleça.

Noticias mais recentes e animadoras sobre a saúde do velho revolucionário

MOSCÓVIA, 25, Janeiro.—Os médicos consideram Krapótkine fora de perigo. Asseguram que recuperará em breve a saúde. Não será necessário publicar mais boletins sobre o seu estado.

O comércio com a América

MOSCÓVIA, 22, Janeiro.—Anuncia-se a chegada a Vladivostok dum transporte americano com uma carga de 500.000 peças para locomotivas, que tinham sido encomendadas no regime de Kerenski. O representante comercial da América decidiu que as peças de locomotivas fossem repartidas em partes iguais pela república do Extremo Oriente e pela Rússia Sovietista.

Os camponeses e o regime soviético

MOSCÓVIA, 22, Janeiro.—Os camponeses do distrito de Melitopol, para exprimir a sua gratidão pelo exercito vermelho que libertou o seu território deidiu entregar aos soldados vermelhos uma quantidade considerável de produtos agrícolas.

No distrito de Kursk, os camponeses organizaram os sábados comunistas e ajudaram a reparação das linhas de caminho de ferro.

Os camponeses da vila Tanina (distrito de Moscóvia) resolveram instituir o trabalho em comum.

A crise de subsistências na Polónia

VARSÓVIA, 22, Janeiro.—O *Naprzód* escreve: «A Galícia tem necessidade de 3.000 vagões de viveres por mês. Ora, não recebeu, durante os últimos cinco meses, senão 4.000 vagões. A situação alimentar torna-se cada vez mais castrófica. O governo comprou cereais na Roménia mas devido ás más condições de transportes é impossível transportá-los para a Galícia. O rendimento da terra na Galícia não corresponde ás necessidades. Dois terços das terras não foram semeadas. As autoridades polacas nada fazem para remediar a situação.

AS GREVES

No Porto

A greve das classes marítimas e fluviais do Porto e Gaia

PORTO, 11.—C.—Mercé da indignação que se apossou das classes fluviais e marítimas do Porto, Gaia e Leixões contra as arbitrariedades das autoridades e a caturrice dos importadores e armazéns de bacalhau, o número de grevistas eleva-se a 3.800, segundo a nota dos trabalhadores fluviais, número que as entidades officiais do burgo julgam suprir com um punhado de soldados inexperientes! Hoje, com o fim de furarem o movimento... com azáfamas improficuas, chegaram ao cais da Ribeira mais uns magotes de militares. As autoridades superiores pretendem obrigar os caiqueiros a transportá-los para bordo. Porém, os caiqueiros, que não estavam dispostos a contribuir, por qualquer modo, para a tração dos seus camaradas em luta, recusaram-se terminantemente a fazê-lo, retirando-se para o meio do rio quando perceberam que se intentava usar da violência, em nome da liberdade de trabalho, a fim de os forçarem a cumprir a suprema vontade dos donos do distrito. Como consequência, os caiqueiros solidarizaram-se também com as outras classes fluviais e marítimas, não fazendo transportes de passageiros. Para os soldados irem para bordo, e visto que os caiqueiros não obedeceram, energicamente, ás ameaças do patrão-mór do porto, foi preciso que este requisitasse marinheiros que, abusivamente, se apossaram dos caiques que estavam atracados nos cais, servindo-se, do pessoal do rebocador *Trilão*, da Junta Autónoma, também abandonou os serviços. Quer dizer: o movimento, longe de enfraquecer com as medidas inúteis tomadas pelas autoridades, intensifica-se, apesar de hoje se efectuarem mais duas prisões arbitrárias.

O filho de um consignatário pretendeu, de pistola em punho, obrigar um caiqueiro a fazer-lhe serviço, nada conseguindo com o seu quixotesco gesto. Quanto aos trabalhos, apenas uns soldados tentaram fazer alguns, mas que, por falta de treino, pouco fizeram, a despeito dos alardes officiais.

Os carregadores e descarregadores de terra e mar, na sua reunião efectuada para se occuparem da marcha do movimento, resolveram convidar o autor de uma carta publicada num diário desta cidade, em que afirmava ganharem eles 2500 a 3000 diários, a

provar alguma estúpida asserção e a ingressar na sua classe, a fim de, de perto, ver até que ponto vão as suas mentirozas. Deliberaram também pugnar pelo principio d' salário certo, com uma média de 6000 a 8000 diários, com a garantia de permanencia efectiva, haja ou não serviço. Distribuiram profusamente um manifesto, repellido falsidades e historiando os motivos do conflito. Enfim: muita vigilância, aparato bélico, conferências, precauções, ordens e contra-ordens, além de desastres iminentes devido ao pessoal incompetente.

Em Gaia perseguem-se os trabalhadores

VILA NOVA DE GAIA, 11.—C.—Continua infectivo a greve das classes marítimas, declarada, como é do dominio de todos, no passado domingo, por virtude do arbitrário proceder do governador civil do distrito, mandando encerrar a sede da União dos Trabalhadores Fluviais.

Os grevistas continuam animados e unidos até á vitória final, crentes que ela se não fará esperar. A sede da Associação continua guardada por praças da guarda, com receio de que lá de dentro saia a revolução, e a margem do rio patrulhada por policia e guarda.

Nos calabouços da vila estão ainda detidos e incomunicáveis Joaquim Lourenço Pinto e António Ferreira da Cruz, ás ordens do grande detective Vieira Marques, com a accusação de ter sido marxista e agitador perigoso. Há mandados de captura para outros elementos da classe em greve, mas, porque andam a monte, não teem sido presos.

E' de notar o apodo lançado aos presos, de agitadores, quando eles são uns confessos republicanos e como tais conhecidos. Mas... como num bom pano caia uma ndoaa... Talvez agora se façam bolxevistas.

A União dos Sindicatos local, em sua reunião de ontem, apesar das classes em luta não estarem nella federadas, resolveu dar-lhe todo o apoio moral e material, ficando de sobreaviso para casos de maior força.

A guerra continua

Houve combates entre sérvios e montenegrinos

AGRAM, 13.—Dizem de Cattaro que houve novos combates entre as tropas sérvias e a povoação montenegrina. Os sérvios tiveram 200 mortos e grande número de feridos.

Desconhecem-se as perdas montenegrinas, porque os combatentes se escondem nas montanhas do país.—*Rádio.*

LD
18
elefone C. 1026